



**CENTRO UNIVERSITÁRIO BARRA MANSA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA**

Tatiane Nunes Morgado

**TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS (TAA):
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

**Barra Mansa
2018**



**CENTRO UNIVERSITÁRIO BARRA MANSA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA**

Tatiane Nunes Morgado

**TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS (TAA):
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Barra Mansa, como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Veterinária, sob a orientação da Professora. Dra. Simone Pontes Xavier Salles.

**Barra Mansa
2018**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BARRA MANSA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA**

**TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS (TAA):
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Tatiane Nunes Morgado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Medicina Veterinária do Centro Universitário de Barra Mansa, submetido à aprovação da Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dra. Simone Pontes Xavier Salles

Prof. Dr. Rafael Soares Nascimento

Prof. Me. Evandro Toledo Gerhardt Stutz

**Barra Mansa
2018**

Eu dedico este título à minha mãe Denise, ao meu pai Fábio, meus irmãos Thiago, Ana Luisa, Maria Eduarda e Pedro Henrique, ao meu namorado Sérgio, e também a todos que aqui não citei, mas não menos importantes nessa trajetória.

AGRADECIMENTOS

“Mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias; correm, e não se cansam; caminham, e não se fatigam.” Isaías 40:31

Posso dizer que vivi e aprendi muitas coisas sobre a minha vida e sobre mim, nada foi fácil, e aprendi que nada será. Olhando para trás vejo um caminho percorrido com muito suor, marcas, mas também um caminho preenchido com muita alegria, amor e dedicação. Que graça teria se assim não fora?! Cinco anos de muitas risadas, palhaçadas, compreensão, estresses, empatia, solidariedade e brigas (Rs), e que deixarão muitas saudades! E todo caminho tem uma história, e pra cada história, seus personagens, aos quais eu agradeço agora...

Agradeço primeiramente a Deus, o dono da minha vida, por me guiar a cada passo, e ter me dado forças em todos os momentos, alguns dos quais o cansaço, a insegurança, e as incertezas tomavam conta, mas onde eu sentia as mãos dEle me guiando e me fortalecendo.

À minha querida mãe Denise, pelo sacrifício, abdicação de sua própria vida, para que assim eu pudesse estar aqui hoje. Por ter me dado colo, força e ânimo para continuar a trilhar o meu caminho.

Ao meu pai Fábio, pelas orações, por cada momento que passou comigo nesses cinco anos, se doando também para que essa vitória fosse possível.

Vocês dois vieram preparando o meu caminho, desde o meu nascimento, para que esse dia enfim chegasse. Abriam mão de seus sonhos, pelos meus. Eu devo essa vitória a vocês. E se sinto orgulho de mim e do lugar que cheguei, é porque sei que vocês vieram segurando a minha mão.

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Simone Pontes Xavier Salles, pela paciência, cuidado e disponibilidade em todos os detalhes.

Ao meu coorientador Prof. Dr. Rafael Soares Nascimento, pela preocupação, disponibilidade, paciência e atenção aos mínimos detalhes, se assim não fora, não teria conseguido.

Ao meu tio Samuel que de todo coração se dispôs a me ajudar com muito carinho.

Ao meu namorado Sérgio, por ter me dado força, ânimo e toda ajuda possível nesse caminho percorrido, sem você tudo teria sido mais difícil.

Aos meus irmãos Thiago, Ana Luisa, Maria Eduarda e Pedro Henrique e minha boadrasta Joseli, pelo apoio e incentivo.

À minha amiga Pâmela, por ter me acompanhado desde o começo e por ter permanecido na minha vida, acompanhando cada passo desses anos.

Aos meus amigos de turma Gabriela, Ana Beatriz, Luiz Miguel, Marcus Paulo, Júlia Lacerda por cada momento, cada luta, cada grupo de estudo, cada prova, por estarem comigo nos momentos de alegria, tristeza, medo, angústia, insegurança,

vocês com certeza me ensinaram o valor da verdadeira amizade e estarão comigo para todo o sempre.

A Doutora Ana Paula Leal, por me passar todo o seu conhecimento, me aceitar e se dedicar a isso desde o meu segundo ano de faculdade através do estágio. Posso dizer com toda certeza que se eu for metade da profissional que você é, estarei satisfeita. Agradeço também à sua família por todo o acolhimento nesses longos anos que se passaram.

Aos Doutores Eduardo Vilarino e Wladimir Fernandes Castro, por também me transmitirem o conhecimento e profissionalismo, vocês são demais, o meu muito obrigado!

A todos os meus mestres os quais me passaram todo o conhecimento e se dedicaram a isso.

Eu dedico este título a todos vocês, e também a todos que aqui não citei, mas não menos importantes nessa trajetória.

Agora, com esperança de grande sucesso, continuo a trilhar esse caminho, mas agora, com a essência de mais essa vitória!

RESUMO

MORGADO, TATIANE NUNES. *Terapia Assistida por animais (TAA)*. 2018, 46 f. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) - Centro Universitário de Barra Mansa, Barra Mansa, UBM, RJ.

A prática da Terapia Assistida por Animais (TAA) têm se destacado nos últimos anos, comprovando cientificamente os benefícios da interação homem-animal, e ganhando o seu espaço na área da saúde. Estudos demonstram que a interação do homem com animais de estimação pode ter efeitos positivos na saúde e comportamento humano e que, em alguns casos, esses efeitos são relativamente duradouros. Então, com base nos benefícios de tal interação, surgiu a TAA, uma intervenção com claros objetivos, na qual o encontro entre o animal e humano torna-se parte integrante do processo de tratamento; a mesma é dirigida por um profissional da área da saúde e está desenhada fundamentalmente para promover melhorias nas áreas física, emocional e social, respeitando o funcionamento cognitivo das pessoas. A TAA pode ser realizada de forma individual ou em grupo. Todo o processo de tratamento deve ter uma avaliação e um registro do mesmo. Há uma grande diversidade de co-terapeutas, destacando-se: (i) o cão (Cinoterapia), onde o mesmo atua como instrumento reforçador, estimulador e reabilitador na terapia, beneficiando a habilidade cognitiva e sócio-emocional, coordenação motora, diminuição da ansiedade e motivação do indivíduo, dentre outras; (ii) o equino (Equoterapia), onde o mesmo promove a reabilitação e habilitação complementar de um processo terapêutico e/ou educacional, gerando benefícios motores, cognitivos, emocionais, sociais e de linguagens; (iii) o golfinho (Delfinoterapia), sendo ele utilizado para a terapia, melhorando a capacidade motora dos pacientes, devido aos exercícios realizados na água, além de incentivar a capacidade de comunicação e aumento da independência, serenidade e cooperação do paciente. Existem fatores cruciais para que haja um bom andamento da terapia, os animais domésticos devem ser socializados, adestrados e sempre acompanhados de um condutor ou profissional adequado para o manejo e manutenção da saúde do animal. Faz-se necessário prestar muita atenção no comportamento do animal utilizado em qualquer tipo de trabalho, a fim de que seja possível identificar sinais de estresse e irritação do mesmo. Caso seja exigido mais do que o animal pode oferecer, ou ainda que por falta de controle, uma pessoa o machuque ou irrite, seu comportamento é alterado, indicando assim que é hora de parar com a terapia ou atividade realizada. O acompanhamento de um profissional adequado e qualificado para trabalhar com os animais é de extrema importância para garantir tanto um bom estado de saúde dos mesmos, minimizando o grau enzoótico, quanto garantindo o bem-estar animal, com respeito, pois a qualidade de vida desses terapeutas animais é essencial para o desenvolvimento da TAA.

Palavras chaves: Animais. Homem. Interação. Terapia. Benefícios.

ABSTRACT

MORGADO, TATIANE NUNES. *Animal Assisted Therapy (ATT)*. 2018, 46 f. Monography (Veterinary Medicine Course Completion) - Centro Universitário de Barra Mansa, Barra Mansa, UBM, RJ.

The practice of Animal Assisted Therapy (ATT) has been highlighted in recent years, scientifically proving the benefits of human-animal interaction, and gaining its space in the healthy area. Studies show that man-pet's interaction may have positive effects to the men's health and behaviour, and that in some cases these are long-standing benefits. Then, based on this interaction benefits, TAA emerged, as an objectives clear intervention, in which the meeting between animal and human becomes an integral part of the treatment process; i It is guided by a health professional and fundamentally designed to promote social, emotional and physical improvements; holding in steem the patiente behaviour. TAA can be made individually or in group. All treatment process must be valued e registered. There are a wide variety of co therapists, with the most importants being: (i) dog, when it is the main's therapy instrument an reinforcer, stimulant and rehabilitation force, that benefits patients cognitive and socio-emotional hability, motor coordination, decreasing the anxiety and improving the patients motivation, within other benefits; (ii) the horse, when it promotes the rehabilitation and complementar habilitation of a therapeutic and/or educational process, benefiting patients moviments, cognition, emotion, social end language skills; (iii) the dolphin, when it is used on the therapy, improving mobility capacity, due to the underwater exercises, it also encourages patients comunication skill and improvements on patients independency, serenity and cooperation. There are some crucial factors to a good progress on the therapy: the pets must be socialized, trained, and followed by a trainer or a professional able to provide the proper handling and take care of the pet's health. It's necessary to pay great attention to the behaviour of the pet used at any kind of work, in order to identify any possible stress or anger pet's signs. If most than what the pet has to offer is required, or if lacks control, if a person hurts or annoy the pet, its behaviour is altered, sinalizing that it's time to stop the present therapy, or activity. The presence of an appropriate and qualified professional working with the pet is highly important to ensure both the pets good healthy condition, minimizing the possibility disease transmittion and the animal welfare, as the life quality of these pet theurapeuts is essencial to the development of the ATT.

Keywords: Animals. Men. Interaction. Therapy. Benefits.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVO	11
2.1. OBJETIVO ESPECÍFICO.....	11
3. JUSTIFICATIVA	12
4. REVISÃO DE LITERATURA	13
4.1. RELAÇÃO HOMEM X ANIMAL.....	13
4.2. TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS (TAA).....	16
4.2.1. Cinoterapia	22
4.2.2. Equoterapia	24
4.2.3. Delfinoterapia	27
4.2.4. Outros Animais	29
4.3. TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS NAS ESCOLAS.....	29
4.3.1 A TAA no Contexto Educacional	29
4.3.2. Os Benefícios da TAA no Contexto Escolar	30
4.3.3. Vivências na Prática da TAA nas Escolas	30
4.4. TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS NOS HOSPITAIS.....	31
4.4.1. Desenvolvimento e Implantação do Projeto Amicão (PA)	32
4.5. Terapia Assistida por Animais com Idosos	34
4.6. PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS E O PAPEL DO MÉDICO VETERINÁRIO	36
4.7. AVANÇOS NA TERAPIA	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

1. INTRODUÇÃO

O uso de animais para benefício humano iniciou-se no período neolítico (dez a seis mil anos a.C.), quando houve a domesticação de algumas espécies de animais, como gato, cavalo, ovelha, entre outros, tendo em vista que essa relação entre o ser humano e animais só mantém-se até hoje devido a sentimentos altamente peculiares (SILVA, 2011). Devido a tantos fatores positivos em relação a essa interação, atualmente há diversos recursos zooterapêuticos sendo colocados em prática para benefício humano e animal. Hoje em dia, este recurso denominado zooterapia ou Terapia Assistida por Animais (TAA), que utiliza o animal como principal agente para aumentar o bem-estar e melhorar a saúde do homem, encontra-se em expansão, sendo alvo de pesquisas no mundo inteiro. Atualmente, há diversas técnicas sendo estudadas, desenvolvidas e aplicadas em diferentes tipos de enfermidades, envolvendo principalmente: (i) a Cinoterapia, que consiste no uso de cães como co-terapeutas no tratamento físico, psíquico e emocional de pessoas com necessidades especiais; (ii) a Equoterapia, que utiliza cavalos dentro de uma abordagem multidisciplinar e interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação, equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com necessidades especiais, estimulando a mente e o corpo do paciente; (iii) e a Delfinoterapia, sendo uma terapia complementar que visa a interação do ser humano e golfinhos, na intervenção com pessoas portadoras de necessidades especiais físicas ou psicológicas. Assim, esta técnica consiste em definir metas para o tratamento individual dos pacientes, melhorando a comunicação destes com o meio envolvente. Evidencia-se nesse contexto o imprescindível papel do Médico Veterinário, não somente nos cuidados necessários com o bem-estar do animal, mas também em questões relacionadas à Saúde Pública.

2. OBJETIVO

Realizar uma revisão bibliográfica do tema Terapia Assistida por Animais (TAA).

2.1. OBJETIVO ESPECÍFICO

- Conhecer os principais métodos zoterápicos, tais como a Cinoterapia, Equoterpia e Delfinoterapia;
- Identificar os melhores métodos de aplicação e os benefícios oferecidos;
- Conhecer o papel do Médico Veterinário no processo e os avanços da terapia;

3. JUSTIFICATIVA

A interação do homem com o animal é datada ao longo dos séculos e seus benefícios são comprovados cientificamente. Devido a esses fatores positivos em relação a essa interação, atualmente há diversos recursos zooterapêuticos sendo colocados em prática para benefício humano e animal. Hoje em dia, este recurso denominado zooterapia ou Terapia Assistida por Animais (TAA), que utiliza o animal como principal agente para aumentar o bem-estar e melhorar a saúde do homem, encontra-se em expansão, sendo alvo de pesquisas no mundo inteiro. Diante deste fato foi imprescindível a realização dessa revisão bibliográfica que buscou pesquisar este tema.

4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4.1. RELAÇÃO HOMEM X ANIMAL

A convivência de animais com seres humanos é descrita há milhares de anos e mantida devido aos mais variados motivos (SILVA, 2016). Sendo descrito que o relacionamento terapêutico homem-animal também antecede à própria história (ARANTES, 1968).

Em várias culturas, os animais foram representados como seres supremos e poderosos, destacando a importância dos mesmos para o homem. Nas mais remotas civilizações há registros históricos, retratados por meio de símbolos e desenhos, que identificam o elo com os animais por meio da representação da afetividade e seus relacionamentos (VIEIRA, 2013).

Temos os animais como contribuintes de nossas conquistas e batalhas, personagens imprescindíveis no desenvolvimento da ciência, na religião, fábulas infantis e como companheiros. De uma relação instrumental, o relacionamento entre os seres humanos e os animais se transforma e se torna cada vez mais afetiva (SILVA, 2011).

Não se pode entender a frase: “Cão, o melhor amigo do homem”, sem estudar sua evolução e domesticação. Desde os tempos antigos, numerosas espécies foram submetidas a mudanças comportamentais como resultado da domesticação, sendo os propósitos e os esforços que os orientam tão diversos quanto as espécies envolvidas. Interesses utilitários, como a provisão de alimentos, segurança e outros recursos valiosos. Os serviços derivados do animal foram certamente incentivos importantes, mas não é o suficiente para explicar a domesticação do cão ao todo. Muitas teorias precisaram de avanços para explicar como o cão foi originalmente domesticado. Essas teorias muitas vezes incluem retratos coloridos da vida primitiva, motivos e propósitos que dependem de um número de suposições questionáveis e improváveis sobre a existência pré-histórica (LINDSAY, 2000).

Sem dúvida, a vida de um cão durante os estágios de domesticação foi muito diferente do que é hoje. Ao longo dos séculos, a função do cão evoluiu e mudou. Em tempos de escassez e necessidade, o motivo definidor para manter os cães era de interesse utilitário. E em tempos de abundância e bem-estar, os cães se tornaram objetos convenientes para afeto, conforto e entretenimento (ibid).

O cão passou por um processo de domesticação intensivo em companhia do homem, mas tal domesticação se deu por interesse dele e não do homem (LOBÃO,

1992). Como evidência arqueológica mais antiga dessa amizade destaca-se a descoberta do corpo de mulher, que foi enterrada em Israel junto de seu cão cerca de 12.000 anos atrás. No entanto, a domesticação do cão iniciou-se bem antes, há mais de 100.000 anos, quando os ancestrais do homem começaram a dar abrigo aos filhotes de lobos que rondavam seus acampamentos (SILVA, 2011).

No final do último período glacial, os primeiros seres humanos que realizavam atividades migratórias se sobrepuseram a uma gama de caça de predadores concorrentes, especialmente lobos. Como os povos nômades entraram em contato com lobos, alguns lobos podem ter sido confiantes o suficiente para seguir de perto esses migrantes grupos de caça e coleta. Permanecendo nas proximidades, os lobos sempre oportunistas poderiam ter rastreado facilmente animais feridos por caçadores, garantindo assim uma refeição fácil para se saciarem. Assim, recuando e permanecendo a uma distância segura, os lobos poderiam limpar os restos abatidos deixados para trás. Além de formar uma parceria de caça eficaz, territórios de lobos podem ter se formado em torno do humano, proporcionando assim uma proteção natural aos seus acampamentos. Possivelmente, a partir deste benefício mútuo, formou-se um nicho ecológico, onde o lobo sofreu alterações morfológicas e genéticas gradualmente levando a cães domésticos. Um contato social próximo deste tipo requer que o animal em questão possua um alto limiar de medo e uma tendência reduzida para fugir, características comportamentais essenciais da domesticação (LINDSAY, 2000).

Outro animal de grande importância na história do homem é o cavalo; durante a Idade do Bronze e do Ferro foi fundamental nas atividades de pastores nômades da Eurásia e acompanhou a evolução das sociedades humanas desde sua domesticação, certamente em 3.500 a.C. Antes do desenvolvimento de armas de fogo, ele foi um importante instrumento de guerra e antes da invenção da máquina a vapor, ele era o meio de transporte terrestre mais rápido e confiável (SILVA, 2011).

Com a Revolução Industrial, os animais deixaram de ser tão necessários para as atividades habituais, e começou um processo que dura até os dias de hoje, em que deixou-se de ver os animais com a concepção meramente utilitária para os verem como seres amigos formando parte do todo ecológico em que vivemos, entendendo-se que as suas prestações podem resultar em benefícios além do plano material (ibid).

Os laços afetivos que envolvem os seres humanos e os animais podem ser provenientes da solidão que as pessoas sentem. Como o animal se doa completamente sem cobrar nada em troca, aceita os fatos sem julgamento, não apresenta os problemas e exigências da comunidade humana e, não tem o atributo da vontade tão desenvolvido, a compensação da solidão e a transferência do apego de uma pessoa a um animal de estimação podem ser mais fáceis do que com outro ser humano, criando um vínculo forte e duradouro (ibid).

No Brasil, essa convivência pode ser avaliada através de estimativas populacionais que indicam a existência de 52 milhões de cães e 22 milhões de gatos como animais de estimação (IBGE, 2016). Esses dados sustentam a ideia de que a vida humana, compartilhada com os animais, está instituída como uma nova forma de existência, que atende as necessidades atuais de determinados grupos de pessoas (SILVA, 2011).

O contato com os animais pode auxiliar o homem em sua busca pelo conhecimento de si, no estabelecimento de sua identidade e na descoberta de suas próprias “realidades animais”. Eles podem representar a única ponte de ligação do homem com um mundo autêntico, sem hipocrisias, corporativismo ou mediocridade (ibid).

Os animais têm características que ainda precisam ser amplamente estudadas. Eles podem captar nossos sentimentos, expectativas e intenções, além de serem capazes de reconhecer nossa linguagem corporal e, por meio dela, captar nosso estado de espírito. Também, por meio das alterações químicas que ocorrem em nosso organismo, os animais podem identificar nosso humor, nossa saúde e nosso estado geral, uma vez que possuem o olfato mais apurado que o nosso, além de captar frequências sonoras não detectáveis para o ser humano (ibid).

Multiplicam-se estudos para detectar como os animais influem positivamente na saúde humana, e medir até onde pode chegar o potencial terapêutico do convívio com animais é um desafio, assim como não é fácil avaliar quantas doenças são evitadas por se ter um animal de estimação (COSTA et al, 2018).

O que se percebe, assim, quando se pensa na relação homem-animal, são as vantagens para a saúde humana proporcionada por tais interações, podendo também de igual modo apontar vantagens na relação animal-homem, sendo assim um benefício mútuo. Estas vantagens, têm sido, portanto, a cada dia mais

compreendidas e valorizadas; estudos e pesquisas vêm comprovando isso (SILVA, 2011).

4.2. TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS (TAA)

Nas décadas de 1960 a 1980 foram criadas diversas terminologias para as atividades realizadas com animais, tais como: Zooterapia; Atividades Assistida por animais (AAA); Terapia Assistida por Animais (TAA); Terapia de Animais Domésticos, do inglês *Pet Therapy*; dentre outras, e tais, são utilizadas até os dias de hoje. Essa grande diversidade de terminologias levou à compreensão errônea dos objetivos do trabalho composto. *Pet Therapy*, por exemplo, entende-se que é uma terapia para animais de estimação com problemas de comportamento. Além das diversas definições generalizarem a utilização de todos os animais para o trabalho. Em função dessas variações de definições terminológicas, foi necessário o estabelecimento de uma linguagem comum àqueles que trabalhassem com a interação homem-animal (SILVA, 2011).

Então, para tentar normatizar e uniformizar a linguagem da relação homem-animal, um organismo internacional denominado *Delta Society*, Sociedade Delta em português, fundado em 1997 com o objetivo de promover a saúde humana com o auxílio dos animais, definiu a interação dos homens com os animais nas seguintes bases (DELTA SOCIETY, 2005):

1. Atividade Assistida por Animais (AAA): atividade que envolve visitação, recreação, e distração por meio de contato dos animais com as pessoas, sem objetivo terapêutico, visando apenas o entretenimento, motivação e melhoria da qualidade de vida por meio do contato com o animal. São atividades desenvolvidas pelos próprios proprietários ou condutores de animais, que os levam para visitar pessoas institucionalizadas;
2. Terapia Assistida por Animais (TAA): uma intervenção para promover melhorias nas áreas física, emocional e social do paciente, respeitando o funcionamento cognitivo do mesmo, intervenção esta, na qual o encontro entre o animal e humano torna-se parte integrante do processo de tratamento e é dirigida por um profissional da área da saúde. Pode realizar-se de forma individual ou em grupo. Todo o processo de tratamento deve ser registrado e avaliado.

Na TAA o animal pode ser considerado o elo entre o tratamento proposto e o paciente (DOTTI, 2005). As inúmeras pesquisas feitas nesta área buscam reforçar e

comprovar a eficácia dessas intervenções realizadas com animais, concedendo valor terapêutico ao animal em si. O animal é o agente central da intervenção, e não um mediador/facilitador/motivador para a realização dos objetivos estabelecidos pelo profissional que conduz a terapia. Os objetivos que serão trabalhados dependerão de cada paciente (CAETANO, 2010).

O uso de animais em programas terapêuticos foi registrado inicialmente no século IX, na Bélgica, em Gheel, onde pessoas com necessidades especiais tiveram a oportunidade de cuidar de animais domésticos (SILVA 2016).

No Brasil, destaca-se a Doutora Nise da Silveira, renomada médica psiquiátrica, conceituada no Hospital Dom Pedro II, Engenho de Dentro, Rio de Janeiro-RJ, que por discordar das técnicas que considerava agressivas aos pacientes esquizofrênicos na década de 1950, iniciou um trabalho de terapia com animais no Brasil, tornando-a assim pioneira da TAA no Brasil. Dra. Nise percebeu a possibilidade de tratamento ao observar a melhora de um paciente a quem delegara os cuidados de um cachorro abandonado no hospital (VIEIRA, 2013).

Outra precursora da TAA no Brasil é a Doutora Hannelore Fuchs, médica veterinária e psicóloga, fundadora da Associação Brasileira de Zooterapia (Abrazoo), sendo também, coordenadora do *Pet Smile*, programa com o objetivo de desenvolver habilidades motoras e autoconfiança nas crianças, e também, diminuir a ansiedade. O contato com os animais acaba reduzindo o estresse provocado por algum problema enfrentado pelo paciente, seja ele familiar, emocional, físico, etc, diminuindo o nível do hormônio cortisol no sangue (FLÔRES, 2009).

Os princípios dessa terapia mediada por animais são utilizados em todo o mundo, atualmente, com a utilização de todos os tipos de animais que possam entrar em contato com os humanos, sem proporcionar-lhes perigo, como cães, gatos, golfinhos, cavalos, tartarugas, peixes, coelhos, dentre outros. O primeiro passo para o sucesso da terapia, é o vínculo afetivo que o paciente logo estabelece com o animal (ibid).

A TAA pode ser aplicada em diversas faixas etárias e inúmeros lugares, como: escolas, hospitais, clínicas de repouso, ambulatórios, clínicas de fisioterapia e reabilitação, etc (KOBAYASHI et al., 2009). As sessões podem ser individuais, em grupo, em casal ou familiar (COSTA et al 2018).

Cada animal tem suas características, vantagens e desvantagens (SILVA, 2016). Para que esse trabalho possa ser realizado, é imprescindível saber como

cuidar do animal, levando em conta todas as suas especificidades, devido às mais variadas espécies utilizadas (DOTTI, 2005).

Para que haja sucesso nos objetivos da terapia, a escolha do animal é de valor funcional. As atividades podem ser desenvolvidas com animais domésticos ou selvagens. Mas existem fatores cruciais para que haja um bom andamento da terapia, onde os animais domésticos devem ser socializados, adestrados e sempre acompanhados de um condutor ou de um profissional adequado para o manejo e manutenção da saúde do animal. Devido às características comportamentais e morfológicas, os animais de eleição para este tipo de terapia são o cavalo, cão e golfinho, embora já se utilizem burros, gatos, aves, coelhos, dentre outros animais (SILVA, 2016).

Para que o animal possa participar, ele deve ser avaliado por um Médico Veterinário Clínico e um Especialista em Comportamento Animal. O primeiro será responsável pela averiguação da saúde documental e física do animal e o segundo, pela avaliação do comportamento quanto à socialização, obediência e temperamento do animal. Somente após essas avaliações o animal poderá estar apto a iniciar o tratamento para a TAA, e assim conseguir os resultados esperados (CAETANO, 2010).

É de extrema importância que exista uma ficha exclusiva para a saúde do animal pelo médico veterinário e outra ficha para os testes de comportamento do animal, sendo que essas avaliações devem ser feitas regularmente pelos profissionais. Tais documentos precisam ser inseridos em arquivos destacados, para que se saiba a origem, características e capacitação para a terapia por parte de cada animal, e ainda para as pesquisas da área (SILVA, 2011).

Depois da seleção do animal conforme espécie, raça, sexo, idade, tamanho, aptidão e temperamento, deve haver uma combinação com a classe de pessoas com as quais irão relacionar-se (FLÔRES, 2009).

As principais condições para um animal terapeuta é demonstrar um comportamento confiável, controlado, previsível, que inspire confiança na pessoa que interagir com ele (CAMPOS, 2009).

Desde que o animal seja dócil é possível estabelecer um bom adestramento, ensinando a ter um andar calmo e suave, com passada rítmica. Cada treinamento será adequado às necessidades do praticante de maneira equilibrada e interativa (SILVA, 2016).

A total saúde física do animal co-terapeuta é um aspecto fundamental e não visa somente o bom desempenho e o bem-estar animal, mas também a garantia de que não haverá riscos de transmissão de zoonoses e contaminação dos locais de realização das terapias. Não pode-se esquecer que muitos destes ambientes são controlados sanitariamente, como hospitais, consultórios e, além disso, pode-se entrar em contato com pacientes debilitados e imunossuprimidos (SILVA, 2011).

Qualquer sintoma de doença que possa vir a trazer risco para o paciente assistido e/ou mal-estar para o animal, deve ser motivo para o afastamento temporário ou definitivo deste (OLIVA, 2004).

O animal se encontra em uma boa situação de bem-estar quando consegue expressar seus comportamentos naturais e sem danos negativos, como dor, frustração e/ou estresse; quando este se encontra bem nutrido, conseqüentemente saudável; e quando está seguro e confortável. Assim, respeitam-se as cinco liberdades, sendo elas: liberdade fisiológica, livre de fome e sede; liberdade ambiental, livre de desconforto; liberdade sanitária, livre de dor, ferimentos e doenças; liberdade psicológica, livre de medo e angústia; liberdade comportamental, livre pra expressar seu comportamento natural (MAPA, 2016).

É necessário prestar muita atenção ao comportamento do animal utilizado em qualquer tipo de trabalho, a fim de que seja possível identificar quaisquer sinais de estresse e irritação. Caso seja exigido mais do que o animal pode oferecer, ou ainda que por falta de controle, ou caso uma pessoa o machuque ou irrite, seu comportamento pode se alterar, podendo: apresentar ofegação, tremores, tosse, espirros, agitação, ou babar, bocejar, andar devagar e arranhar. Esses sinais de estresse indicam que é hora de parar com a terapia ou atividade realizada (DOTTI, 2005).

Para que os animais utilizados no processo de TAA não sofram durante a terapia, todo o processo deve ser discutido em detalhes, para se atingir os objetivos, e se faz necessário que todos os participantes da prática estejam confortáveis e seja uma experiência de sucesso e alegria (OLIVEIRA, 2007).

Os animais que fazem parte do programa devem ser acostumados desde filhotes a se relacionarem com pessoas, a serem conduzidos em guias, coleiras e caixas de transportes, sendo essas específicas para cada espécie, raça e porte. Da mesma forma, devem estar acostumados com viagens; no entanto, viagens longas devem ser evitadas, e todo o percurso deve ser realizado o mais rápido e

confortavelmente possível. A sessão de terapia para manter-se adequada ao animal, não pode ser demorada, com duração média de quarenta minutos à uma hora (SILVA, 2009).

Há casos em que o animal necessita de um treinamento específico para se sentir mais confortável nas atividades. Se, apesar de todos os cuidados, for observado estresse em nível elevado no comportamento do animal na terapia, o ideal é dar-lhe férias e deixá-lo em observação. Quando o mesmo trabalha quinzenalmente ou mensalmente, quase não há sinais de estresse. Tal comportamento só é demonstrado caso a atividade se estenda por mais tempo que o desejado (SILVA, 2011).

O acompanhamento de um profissional adequado e qualificado para trabalhar com os animais é de extrema importância para garantir que os mesmos apresentem um bom estado sanitário, conseqüentemente, minimizando o grau enzoótico e crucialmente zelando pelo bem-estar animal, pois a qualidade de vida desses terapeutas animais é essencial para o desenvolvimento da Terapia Assistida por Animais (COSTA, 2018).

Independente das técnicas desenvolvidas e aplicadas na Terapia Assistida por Animais (TAA), é de extrema importância que haja o treinamento específico do animal a ser utilizado no programa (SILVA, 2016).

A falta de conhecimento dos profissionais envolvidos reduz os benefícios da terapia, por desconhecerem as possibilidades dos animais ou por falhas no treinamento dos mesmos (METZLER, 2012).

A Terapia Assistida por Animais (TAA) pode ser aplicada em áreas pertencentes ao desenvolvimento psicomotor e sensorial, no tratamento de distúrbios físicos, mentais e emocionais, em programas com o objetivo de melhorar a capacidade de socialização ou na recuperação da autoestima. Tais recursos podem ser direcionados à pessoas de diversas faixas etárias, instituições penais, hospitais, casas de saúde, escolas e clínicas de recuperação (FRIEDMAN, 1990).

A mesma é indicada a todos os tipos de pacientes, nos mais diversos casos, como: idosos em lares; pessoas fragilizadas fisicamente ou hospitalizadas; pessoas portadoras de síndromes genéticas; crianças com paralisia cerebral, autismo, hiperatividade e agressivas; crianças e adultos com problemas de aprendizagem; crianças e adultos fragilizados psicologicamente; crianças provenientes de famílias em risco e adultos com problemas sociais e de adaptação; crianças com

comportamento indesejado, como fobias e traumas; vítimas de abuso sexual; crianças com dificuldades de falar e/ou de se expressar (PLETSCH, 2010).

A TAA também é aplicada como tratamento coadjuvante cardiovascular, em pacientes de diferentes idades, sexo e hábitos; como foi feito num hospital pediátrico através de um programa de visitação de animais, onde essa visita durava entre dez a vinte minutos com a interação entre os animais e as pessoas. Três cães fizeram parte dessa terapia, e o público alvo foi crianças acima de seis meses de idade até adolescentes, todos acometidos por problemas cardíacos. Foram identificadas algumas alterações benéficas na frequência cardíaca dos pacientes após as visitas, indicando que a presença desses animais pode ter efeitos relaxantes e/ou estimulantes nas crianças e adolescentes (WU et al, 2002).

Essa terapia pode ser também implantada no cuidado pré-operatório de pacientes, por meio de visitação de cães treinados, o que pode gerar a redução do estresse anterior à cirurgia, tornar o paciente mais otimista, promovendo um melhor pós-operatório e reduzindo a necessidade de medicamentos para a dor (FRAGOSO; PEREIRA; FERREIRA, 2007).

Os animais também têm ganhado destaque em unidades psiquiátricas, onde foi desenvolvido um estudo com vinte idosos portadores de esquizofrenia, sendo avaliado o contato interpessoal; comunicação; atividades cotidianas, como higiene pessoal e cuidado consigo mesmo. Do total do número de idosos analisados, dez interagiram com os cães. A partir do sexto mês notou-se que esse efeito manteve-se até o fim do estudo. Entre eles destacaram-se o aumento da interação social, melhor habilidade de conversação, participação dos grupos, socialização, compromissos sociais, amizades e lazer (BARAK et al, 2001).

São inúmeros os benefícios físicos, mentais, sociais e emocionais que os animais podem propiciar tanto em terapias como, simplesmente no convívio diário com as pessoas. Dentre tais benefícios, podemos destacar: aumento do bem-estar; encorajamento das funções da fala e das funções físicas; afastamento do estado da dor; estímulos à memória e cognição; redução da pressão sanguínea e frequência cardíaca; diversão e diminuição do isolamento; oportunidade de comunicação e convivência; possibilidade de troca de informações e de ser ouvido; sentimento de segurança, socialização e motivação; diminuição da ansiedade; aumento da confiança em si mesmo e do grupo; relaxamento e alegria e diminuição do estresse (FLÔRES, 2009).

Há também o fato de o animal atuar como agente facilitador das modalidades terapêuticas convencionais, o que provavelmente vai acelerar a recuperação dos pacientes com resultados satisfatórios. Podemos contar também com benefício psicossocial, que inclui a relação direta com o animal, com os membros da equipe terapêutica e entre membros do círculo social em que o paciente está incluso, motivação para o desempenho de atividades ocupacionais, recreativas, e de auto cuidado, entre outras (SANTOS, 2006).

O animal de estimação, seja ele qual for, com os devidos cuidados, pode auxiliar no desenvolvimento psíquico infantil, uma vez que desempenha algumas das funções de um objeto transicional, fazendo com que a criança elabore as frustrações e ansiedades decorrentes de ameaça de separação da figura materna e/ou paterna, assim como outros conflitos provenientes das relações com as figuras parentais (DELARISSA, 2013).

4.2.1. **Cinoterapia**

É uma modalidade terapêutica facilitada por animais, onde o cão atua como instrumento reforçador, estimulador e reabilitador na terapia (ALVES, 2009). O cão é o animal mais utilizado na TAA, devido à facilidade de adestramento, criarem respostas positivas ao toque, e as pessoas se afeiçoarem a eles com facilidade, criando assim, um elo entre o paciente e o co-terapeuta, gerando uma socialização imprescindível para a terapia (DOTTI, 2005). O primeiro estudo científico foi publicado na década de 60 e nos anos 80 já havia diversos estudos comprovando a eficácia dessa modalidade para beneficiar a habilidade cognitiva e sócio-emocional, coordenação motora, diminuição da ansiedade e motivação do indivíduo, dentre outras (BERGAMO, 2005).

Os cães de serviço classificam-se em cães de assistência, cães guias, cães de alerta, cães para deficientes auditivos, etc. Os cães de assistência são treinados para ajudar pacientes com diferentes patologias, como: distrofia muscular, esclerose múltipla, paralisia cerebral, e dentre suas habilidades, estão: empurrar cadeiras de rodas, acender e apagar as luzes, abrir portas, geladeiras, máquinas de lavar, etc. Também servem como ponto de estabilidade e equilíbrio do corpo do paciente, que o utiliza como apoio ao caminhar (DOTTI, 2005).

Os cães guias são excelentes amigos e colaboradores, o apoio social e diário dado por esse animal indica que pessoas com deficiência visual normalmente preferem o animal nas mais diferentes situações, pois além de se sentirem

independentes, o cão oferece inúmeros benefícios, como estímulo social, companhia, preenchimento às necessidades emocionais, lazer, diminuição da ansiedade e aumento da autoestima (SILVA, 2011).

Os cães de alerta trabalham com pessoas portadoras de epilepsia, problemas psiquiátricos ou diabetes, avisam quando alguém chega e/ou algum perigo; podem chamar o serviço de emergência pelo telefone, ou outras pessoas; buscam kits de remédios, inaladores, insulinas, ou qualquer outra medicação de emergência. Há cães que ainda detectam possíveis ataques, como pânico, cardíaco, epilético, assim como crises de hipoglicemia, por meio de nossos sinais comportamentais ou pelas alterações químicas e eletroquímicas de nosso corpo, alterações elétricas em nosso cérebro, senso de olfato, etc (DOTTI, 2005).

Os cães para deficientes auditivos, acordam seus donos quando o alarme toca, levam o telefone até eles, atendem à porta, e estão atentos a todo tipo de serviços. Há também, os cães farejadores, que trabalham junto à polícia, farejando drogas, pessoas e alimentos. A mais surpreendente área que esses cães podem trabalhar é na oncologia, onde cães identificam pessoas com algum tipo de câncer através do olfato (ibid).

Dentre diversos benefícios proporcionados pelos cães terapêuticos está o auxílio nas questões emocionais do ser humano. Podem ainda ser uma fonte de conforto e companhia. Conseguem resgatar valores, atribuindo regras, respeito e responsabilidade, colaborando também na atenção e memória, e tendo em vista o físico, pode auxiliar nos processos de reabilitação (ibid).

Na cinoterapia qualquer raça pode ser utilizada, até mesmo o SRD (sem raça definida), mas devido à sociabilidade e temperamento, os cães da raça Golden Retriever e Retriever do Labrador são ideais para tais atividades terapêuticas (DAMACENA, 2016).

O trabalho deve ser realizado em conjunto com um Médico Veterinário, pois tal terapia alia a parte da saúde pública à parte fisiológica e comportamental dos animais, além da interação animal-paciente. Os animais precisam estar de banho tomado, unhas cortadas e tosados adequadamente. É imprescindível que estejam vacinados e vermifugados. Não devem apresentar tártaros, problemas de pele ou otite. Esses cuidados são fundamentais para que o encontro fique mais agradável e isento de riscos (GONÇALVES, 2008).

A utilização destes cães gera grandes benefícios no bem-estar, saúde e qualidade de vida do paciente, estendendo-se a qualquer classe de pessoas (CAETANO, 2010). Com a TAA, o corpo libera endorfina, hormônio responsável pelo bem-estar e relaxamento, reduzindo a pressão arterial e conseqüentemente o nível de cortisol (hormônio liberado em situações de estresse). Com a liberação de endorfina, o paciente fica mais relaxado, reduzindo a dor e melhorando o seu conforto, além da melhora na comunicação, socialização, convivência e memória, promovendo um resgate da autoestima e sensibilidade, como já mencionado anteriormente (CLERICE, 2009).

Cães de todas as raças e de todos os tamanhos podem participar, desde que tenham um temperamento adequado e estejam aptos de acordo com todos os exames e testes necessários. Não se aconselha a participação de filhotes, nem de cães com idade avançada. Os filhotes por terem dentes afiados, unhas afiadas e necessidade de morderem e por serem mais frágeis, e animais idosos pelo comportamento mais estressante e por precisarem de ambientes mais tranquilos e calmos. A faixa etária recomendável está entre um e nove anos. Fêmeas no cio, mesmo seco, não podem participar (DAMACENA, 2016).

O cão precisa ser treinado a ter um comportamento dócil e obediente e estar apto à novas situações e a lidar com o que lhe é proposto. No programa o cão auxilia os profissionais da área da saúde a trabalhar o equilíbrio, a fala, expressão de sentimentos e motivação dos pacientes (ibid).

4.2.2. Equoterapia

É uma modalidade terapêutica de reabilitação e habilitação complementar, comprovada cientificamente, que gera benefícios motores, cognitivos, emocionais, sociais e de linguagens, promovendo uma melhor qualidade de vida aos pacientes (SANTOS, 2006).

O uso do equino como terapia remonta a 400 a.C. quando Hipócrates usou o cavalo para “recuperar a saúde” de seus pacientes (ANDE-BRASIL, 2007). Em 1970 criou-se no Brasil a ANDE-Brasil, Associação Nacional de Equoterapia, que em 1989, adotou o termo Equoterapia, sendo registrado no Instituto de Propriedade Industrial (INPI) do Ministério do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio. Em 1997, foi reconhecido como método terapêutico pelo Conselho Federal de Medicina e pela Sociedade Brasileira de Medicina Física e Reabilitacional, de acordo com a Legislação Brasileira. Atualmente inclui-se a Equoterapia entre os serviços

especializados oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), conforme a lei 5.499/05, aprovada pelo Senado Federal (KLEIN, 2007; ANDE-BRASIL, 2007).

A equoterapia desenvolve um processo terapêutico e educacional (FRARE; VOLPI, 2011). Utiliza-se o equino dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, equitação e educação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial que trabalha a totalidade de pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais (KLEIN, 2007). O animal torna-se, além de instrumento de trabalho, um agente motivador ao paciente (SANTOS, 2006).

O cavalo tem o elemento fundamental de um método terapêutico. O modo do mesmo caminhar proporciona ao paciente um movimento tridimensional, que é similar à marcha humana, levando seu corpo ao mesmo tempo para frente e para trás (eixo longitudinal), para direita e esquerda (eixo horizontal) e para cima e para baixo (eixo vertical) (FRARE; VOLPI, 2011; QUEIROZ, 2006; WICKERT, 1999).

Há três tipos de andaduras naturais e instintivas do equino: o passo, o trote e o galope. Esses diferentes movimentos ressaltados pelo cavalo produzem distintas atuações sobre o paciente (WICKERT, 1999):

- O passo é uma andadura rolada ou marchada, onde sempre existe um ou mais membros em contato com o solo, não há tempo de suspensão, é a andadura básica da equitação e é com esta que é realizada a maioria dos trabalhos realizados com a Equoterapia. Ao passo, o cavalo efetua o balanço tridimensional, no qual esses estímulos são transmitidos repetidamente para o sistema nervoso central do paciente, desencadeando respostas positivas, como adequação do tônus muscular, ganho de equilíbrio corporal, estimulação e desenvolvimento motor para se chegar à marcha e/ou maior independência funcional (SILVA, 2011).
- O trote e o galope são andaduras saltadas, onde entre um lance e outro, seja de trote ou galope, o cavalo executa um salto, existe um tempo de suspensão, no qual ele não toca seus membros no solo. Por consequência, seu esforço é maior, seus movimentos mais rápidos e mais bruscos quando retorna ao solo, requer do paciente mais força para se segurar e uma maior mobilidade para poder acompanhar os movimentos do animal. Essa modalidade só pode ser utilizada com pacientes em estágios mais avançados (SILVA, 2011).

A característica mais significativa da Equoterapia é que o passo produz no cavalo e transmite ao paciente uma série de movimentos sequenciados e simultâneos que são completados com pequena torção da bacia do paciente que é desencadeada pelas inflexões laterais do dorso do animal (SODRÉ; PLETSCH, 2009).

As ações são transmitidas ao cérebro do paciente, através de seu sistema nervoso por meio da ligação efetiva entre o assento do paciente e o dorso do animal, centro de realização dos movimentos do cavalo, com a continuidade de sua execução, são produzidas respostas que irão ativar seu organismo (SILVEIRA; WIBELINGER, 2011).

Para o praticante, que é incapaz de gerar os movimentos por si só, o cavalo gera os movimentos e os transmite para o paciente, que desencadeia o seu mecanismo de resposta, tornando esta uma das grandes vantagens da equoterapia (WICKERT, 1999).

Na esfera social, a equoterapia é capaz de diminuir a agressividade, melhorar a autoestima, tornar o paciente mais sociável, diminuir antipatias, construir amizades, e treinar padrões de comportamento como: ajudar e ser ajudado, encaixar as exigências do próprio indivíduo com as necessidades do grupo, aceitar as suas próprias limitações e a dos outros (CESJCD, 2007).

A equoterapia é indicada no tratamento dos mais variados tipos de comprometimentos motores, mentais e sociais. São comprovados cientificamente seus benefícios para pacientes com paralisia cerebral, acidente vascular encefálico, atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, síndrome de Down, traumatismo crânio-encefálico, lesão medular, esclerose múltipla, disfunção na integração sensorial, dificuldade da aprendizagem ou linguagem, distúrbios do comportamento, hiperatividade, traumas, autismo, estresse, depressão, etc (DOTTI, 2005).

O tratamento é contra-indicado quando pessoas são diagnosticadas com hemofilia, graves afecções de coluna vertebral como hérnia de disco, esclerose com evolução da epífise de crescimento em estágio evolutivo, luxações muito severas de quadril e comumente todas as afecções em fase aguda, excessiva lassidão ligamentosa das primeiras vértebras cervicais à síndrome de Down, e também em caso de epilepsia (MOTTI, 2007; SILVA, 2011).

A segurança do paciente e do animal deve ser uma preocupação constante de toda a equipe, que é composta por médico, médico veterinário, fisioterapeuta,

adestrador, etc (CESJCD, 2007). O local onde é realizada a equoterapia precisa ser adequado, podendo o solo ser de areia ou grama. Frequentemente são realizados no ambiente natural do cavalo, onde o mesmo já está familiarizado e reconhece como sendo o seu espaço (QUEIROZ, 2006).

A equoterapia é um forte remédio que quando bem receitado e executado de maneira correta, com acompanhamento de profissionais capacitados, produz efeitos impressionantes (METZLER, 2012).

Quanto às características e preparação dos cavalos para a terapia, não existe diferença entre as técnicas e raças utilizadas. As aptidões desejáveis são que o animal seja dócil, obediente e corajoso, e que transmita confiança para o paciente. O equino precisa ter resistência e rusticidade, facilidade em se adaptar ao ambiente e grande peso corpóreo, para atender a todo tipo de paciente. É essencial que o cavalo seja sensível, que aceite bem o contato, o toque (ARANTES, 2006).

Para conseguir o benefício desejado ao paciente, é importante o devido treinamento do cavalo, faz-se necessário que ele seja bem domado (BRASIL HIPISMO, 2012). Para um treinamento eficaz o animal precisa de guia, rédeas longas, aceitar carona, obediência à voz, não estranhar objetos e ruídos estranhos, encostar-se à rampa, e aceitar todos os tipos de arreamentos (SNA, 2015).

4.2.3. Delfinoterapia

É uma modalidade terapêutica, onde o golfinho é utilizado para a melhoria da capacidade motora dos pacientes, devido aos exercícios realizados na água, além de incentivar a capacidade de comunicação e aumento da independência, serenidade e cooperação do paciente (CORREDOR, 2007).

A ideia de que a interação do humano com o golfinho poderia ser benéfica, foi gerada pela primeira vez em 1960, pelo norte-americano John Lilly, que estudou a fundo a comunicação entre golfinhos e humanos (LOPES, 2007).

O golfinho tem uma grande afinidade com humanos, e tem uma enorme capacidade para o jogo de contato na água, o que faz com que ele seja o ideal para esta terapia (ibid). Em alguns países como os Estados Unidos e Inglaterra esta terapia é utilizada como coadjuvante na hidroterapia, com muito sucesso (PLETSCH, 2010). Essa espécie possui grande sensibilidade acústica, apresentando uma forma de comunicação semelhante ao sonar, conseqüentemente tornando os benefícios da delfinoterapia incomparáveis em relação a melhorias

neurofisiológicas dos pacientes, diferenciando-se assim das outras terapias (LOPES, 2007).

Devido à energia abrangida nestes sons, os golfinhos têm a capacidade de desfazer a estrutura molecular de fluidos, assim, alterando o metabolismo celular do corpo humano, impulsionando a liberação de hormônios como a endorfina, que promovem o bem-estar, e também a produção de células de defesa do sistema imunológico (CAMPOS, 2009).

Atualmente, a terapia atende a diversas patologias, como a deficiência mental, Trissomia 21 (TR21), Perturbações do Espectro do Autismo (PEA), câncer, Síndrome do Déficit de Atenção (DAS), depressão, deficiência auditiva e visual, problemas sociais, lesões na medula espinhal e outras (LOPES, 2007).

A delfinoterapia pode ser realizada nos delfinários, em águas livres, em zonas vedadas e escuta áudio (BIRCH, 1997; BRENSING, 2003; COLE, 1996; CORREDOR, 2007; DOBBS, 1990).

- Delfinários: é a forma mais frequentemente utilizada, com golfinhos treinados, onde os pacientes realizam exercícios aquáticos auxiliados por um terapeuta. Durante a sessão, o animal, o paciente e o monitor se relacionam através de um programa de trabalho, que incluem jogos, movimentos distintos, segundo o que queira trabalhar, como por exemplo, a área motora ou a sociabilidade (CORREDOR, 2007);
- Águas Livres: esta técnica permite que o paciente passe um tempo nadando com golfinhos selvagens, em águas livres. Sendo utilizada mais como recreação (BIRCH, 1997; DOBBS, 1990);
- Zonas Vedadas: realizada em água livre, vedada, com golfinhos selvagens (BRENSING, 2003);
- Escuta áudio: onde o paciente deita-se sobre um colchão revestido de cristal líquido, e com um óculos de realidade virtual, “entra” numa sessão submarina em três dimensões, onde os sons melancólicos dos golfinhos provém de um microfone situado ao lado dos ouvidos. E quando o som está a exercer uma poderosa influência no corpo do paciente, aparecem os golfinhos diante dos olhos do paciente, aparecendo e desaparecendo da sua vista. A maioria das pessoas afirmam sentirem-se eufóricas e encantadas, e ao terminar a experiência, como se realmente tivessem estado a nadar com os golfinhos (COLE, 1996).

Na delfinoterapia, o golfinho é treinado em cativeiro para emitir sonar para áreas doentes dos corpos dos pacientes (PRICE, 1998).

4.2.4. Outros Animais

Na Terapia Assistida por Animais (TAA) diversos outros animais podem ser benéficos para o tratamento, além do cão, cavalo e golfinho (PLETSCH, 2010).

A Asinoterapia assemelha-se à Equoterapia, mas nessa terapia o animal utilizado é o burro. O objetivo é fazer com que o paciente ultrapasse, na medida do possível, danos sensoriais, motores, cognitivos, efetivos e/ou comportamentais (CAMPOS, 2009).

Animais como gatos, coelhos, porquinhos-da-índia, hamsters, pássaros e peixes, dentre outros, podem ajudar no melhoramento físico e psicológico do ser humano, melhorando, também, significativamente a qualidade de vida do paciente. Animais como cobras, aranhas, lagartos e escorpiões não estão legalizados para serem utilizados como co-terapeutas, pois além de não serem permitidos como animais de estimação em diversos países, são imprevisíveis, não podendo ser feita uma avaliação (ibid).

4.3. TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS NAS ESCOLAS

4.3.1 A TAA no Contexto Educacional

A educação é associada à cultura, não podendo dissociar seus hábitos do contexto social e cotidiano, de forma que as chances de expressão, percepção e imaginação propiciam a liberdade e o respeito às adversidades (ALBURQUEQUE; CARVALHO, 2008).

A Terapia Assistida por Animais também busca seu lugar como prática pedagógica, tendo como essencial argumento o fato de ir ao encontro de tendências e do próprio objetivo da educação. As escolas buscam modernizar-se através da aplicação de tendências de sucesso, novas verdades e novos caminhos. Para que as pessoas saibam reconhecer a importância da TAA nesses diversos contextos, faz-se necessário que os profissionais envolvidos nesse programa se atentem à necessidade de transmitir segurança e valorização do seu trabalho (VIEIRA, 2013).

De modo geral, a inserção da prática desse programa é extremamente relacionada aos benefícios que a mesma venha resultar, ligada ao conservadorismo que ainda marca parte do sistema educacional no Brasil. No entanto, ainda que, talvez, de desconhecimento das escolas de caráter conservador, elas mesmas, ainda assim são praticantes de novas propostas pedagógicas; para afirmar isso,

podemos citar a Pedagogia Freinet, que propõe uma educação tendo foco no professor-aluno, sendo do professor o papel de organizador e cooperador no intuito da edificação do conhecimento do aluno, tendo como objetivo a aprendizagem (ibid).

Atualmente a prática da TAA se encaixa na modernização da educação pedagógica, necessitando apenas corresponder com boas práticas, uma vez que, esteja como centro à imagem da ciência e também das escolas que, por acaso, venham a se tornar pioneiras nessa prática (ibid).

4.3.2. Os Benefícios da TAA no Contexto Escolar

Toda prática zooterapêutica agrega fatores psicológicos, físicos e sociais aos seus beneficiados. Em sua prática pedagógica, pode-se destacar a melhora da socialização dentro e fora do ambiente escolar, a redução da depressão, da ansiedade e da solidão, o desenvolvimento da concentração, motivação para a realização de atividades, inclusão, melhora nas capacidades motora, sensorial e cognitiva, auxílio no ensino-aprendizagem de disciplinas curriculares, educação humanitária, desenvolvimento de senso de responsabilidade e respeito, incentivo à curiosidade e à criatividade (aspectos inerentes ao desenvolvimento da criança), dentre inúmeros outros, que dependerão também da atividade a ser realizada, fato que justifica a importância do planejamento prévio de acordo com o público a ser atendido e os resultados que se buscam alcançar (CAETANO, 2010; FLÔRES, 2009; SAMFIRA; PETROMAN, 2011; SILVA et al., 2009). Para isso, também o animal utilizado deve ser, como anteriormente mencionado, criteriosamente selecionado, não apenas em questões comportamentais, mas também em função da atividade a ser desenvolvida, faixa etária do público-alvo, empatia com a espécie animal, local onde será realizada a atividade, objetivo, temática, entre outros (MARTINS, 2003).

4.3.3. Vivências na Prática da TAA nas Escolas

A primeira lição que se obtém a partir da realização de atividades com as crianças e jovens em escolas, sobretudo no ensino fundamental, é referente à psicolinguística própria de tal público. Objetiva-se, em outras palavras, compreender como os alunos apreendem aquilo que é dito pelos coordenadores das atividades, bem como o que está por trás, a nível de pensamento, do que é passado pelo aluno à equipe zooterapêutica. Se é almejada maior compreensão a respeito dos dados passíveis de serem obtidos quando da realização de uma atividade zooterapêutica, surge como opção de interesse a aplicação de oficinas de interação pedagógicas e

psicopedagógicas, uma vez que estas podem intensificar a experiência e suas manifestações no ambiente escolar e, ao mesmo tempo, subsidiar a produção científica que, no caso de uma equipe acadêmica de Zooterapia, advirá das atividades realizadas (MARTINS, 2003).

Para tal finalidade, é importante o preparo de materiais e propostas didáticas atrativas e direcionadas à idade dos alunos, bem como ao meio sociocultural em que vivem, que facilitem o entendimento e a possibilidade de interação com a equipe, os animais e com as demais crianças e professor da turma. Além disso, as crianças devem ser orientadas sobre como realizar as atividades, sobretudo, como interagir com os animais, respeitando-os e despertando o senso de responsabilidade, respeito às formas de vida e fortalecendo sentimentos humanitários (MARTINS, 2003).

4.4. TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS NOS HOSPITAIS

No processo de hospitalização, a equipe de saúde pode ser capaz de desenvolver e empregar estratégias para tornar esse momento menos traumático. Beneficiando os pacientes, acompanhantes, e a própria equipe de saúde, e proporcionando momentos de alegria e descontração, a fim de promover o paradigma orientado pela saúde e não pela doença (SILVA, 2009).

Há sete anos foi institucionalizado pelo Ministério da Saúde o Programa Nacional da Assistência Hospitalar (PNHAH), com o objetivo de humanizar a assistência hospitalar por meio de intervenções institucionais e edificar uma cultura de assistência à saúde da população pautada pelo respeito à vida humana. Para isso, há valores que norteiam esta política, como a autonomia e protagonismo dos sujeitos, a co-responsabilidade entre eles e a formação de vínculos solidários. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008). Nesse ponto de vista, as instituições de saúde do país fortaleceram maneiras alternativas de humanizar a assistência ao paciente hospitalizado, dentre essas destaca-se a Terapia Assistida por animais (TAA) (SILVA, 2009).

A TAA traz consigo um aspecto de grande importância relacionado a humanização, pois pode descontrair o clima pesado do ambiente hospitalar, melhorar as relações interpessoais e facilitar a comunicação entre pacientes e a equipe de saúde. Pode ser indicada para auxiliar nas mais variadas situações clínicas, pois proporciona benefícios para os pacientes (ALVES, 2013).

Dentro do ambiente hospitalar destacam-se os seguintes benefícios específicos da TAA: aperfeiçoamento das habilidades motoras, equilíbrio de sustentação, melhor adesão ao tratamento médico, aumento da interação entre os membros do grupo e habilidades de atenção, aumento da autoestima, redução da ansiedade e solidão, aperfeiçoamento dos conceitos de tamanho e cor, melhor interação com a equipe de saúde e motivação (DELTA SOCIETY, 2005; FRIEDMAN, 1990).

As sessões de TAA com cães e crianças hospitalizadas proporcionam uma melhor socialização, distração durante procedimentos dolorosos, companhia e lembrança de casa durante a permanência no hospital (ALMEIDA 2009; VACCARI, 2007).

É importante ressaltar que a transmissão de infecções hospitalares para pacientes são mais comuns em visitas humanas do que as visitas de animais, desde que esses estejam devidamente limpos e imunizados. Estudos realizados durante cinco anos de TAA em ambiente hospitalar, concluíram que não foi alterado o número de infecções durante o período em que os animais estiveram presentes (CDC 2003).

O Hospital São Paulo (HSP) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) vem desenvolvendo um projeto de humanização hospitalar chamado AMICÃO, que tem como objetivo proporcionar aos pacientes uma experiência positiva diferentemente da atual rotina do ambiente hospitalar. Algumas unidades do HSP estão recebendo semanalmente a visita de uma voluntária e seu cão, tendo bons resultados alcançados (KOBAYASHI, 2009).

4.4.1. Desenvolvimento e Implantação do Projeto Amicão (PA)

Foi criado no ano de 2006, pelo Departamento de Pediatria e Diretoria de Enfermagem do Hospital São Paulo, tendo como objetivo humanizar o ambiente hospitalar usando a TAA. Foi criado para ser estabelecido em algumas das unidades de internação do HSP. Para a seleção do animal, das unidades de internação e de quais pacientes teriam parte nesse projeto, foram estabelecidas as recomendações, critérios e normas descritas a seguir:

Recomendações do Centers for Disease Control and Prevention (CDC) e do Healthcare Infection Control Practices Advisory Committee (HICPAC):

O animal deve ser avaliado pelo médico veterinário periodicamente e deve ser apresentado seu certificado de saúde; deve ser vermifugado periodicamente; ser

testado negativo para *Salmonella* spp., *Campylobacter* spp., ou *Giardia* intestinal; ser selecionado e adestrado por profissionais; deve tomar banho previamente, em menos de 24 horas de antecedência às visitas; deve ter tosas periódicas (conforme o tipo e a raça do animal); não pode ter contato com outros animais de rua; deve ter a avaliação, a aprovação e a autorização da Comissão de Infecção Hospitalar (KOBAYASHI, 2009).

Para o animal ser selecionado, o mesmo deve ter comportamento amigável com estranhos e estar habituado com sessões de TAA em ambiente hospitalar; deve ainda obedecer aos comandos de seu proprietário ou condutor; possuir comportamento calmo, extremamente dócil e amigável. O paciente deve concordar em receber a visita do animal (no caso de pacientes menores de idade, devem ter a autorização prévia dos pais ou responsável); não é recomendado a participação de pacientes que apresentem fobia à animais, além dos que forem imunocomprometidos, esplenectomizados, neutropênicos, ou apresentem alergias e problemas respiratórios; o paciente não deve maltratar o animal; deve realizar a higiene das mãos após o contato com os animais; evitar que o animal lamba sua pele, feridas e dispositivos; evitar contato com a saliva, urina e fezes do animal; e informar qualquer incidente com o animal (como mordidas, arranhões ou alterações de comportamento do animal) à Comissão de Controle de Infecção da instituição, sendo que a área lesionada deverá ser completamente higienizada, conforme orientação da equipe de saúde local (ibid).

a) À Coordenação do Programa e Equipe de Saúde

É recomendável a concordância prévia do corpo clínico responsável pela unidade hospitalar onde se pretende implantar a TAA; não se recomendam visitas em unidades de terapia intensiva, no entanto, alguns pacientes crônicos e conscientes, além da equipe de saúde, poderão beneficiar-se da TAA; limitar o acesso dos animais nas áreas de preparação de alimentos e medicação, lavanderia, central de esterilização e desinfecção, sala de cirurgia e de isolamento; as visitas deverão ocorrer junto ao treinador e a um profissional da equipe de saúde (ibid).

b) Para as unidades hospitalares serem selecionadas para o TAA

Deve-se saber o tipo de paciente e quadro clínico; possuir estrutura física da unidade compatível à atividade; e apresentar receptividade do corpo clínico à TAA. Em caso relatado, para que as sessões da terapia do projeto pudessem apresentar resultados positivos, tanto para pacientes e familiares quanto à equipe de saúde, foi

indispensável incorporá-las às rotinas da unidade selecionada, de maneira que o período entre as visitas do animal fosse regular e não muito demorada. Assim, desde o início do PA, há dois anos, Joe visita as unidades uma vez por semana, em dias e períodos fixos, permanecendo em contato direto com os pacientes e profissionais durante o período da tarde (ibid).

Este projeto é hoje referência do processo de humanização da assistência no Hospital São Paulo. Após análise dos relatos nos últimos anos de TAA, ficou evidente a necessidade de se ampliar as sessões do PA para outras unidades e aumentar o número de visitas nas unidades atuais (ibid).

4.5. Terapia Assistida por Animais com Idosos

A velhice simboliza a fase da vida onde há uma alta incidência de limitações físicas, doenças crônicas não transmissíveis, perdas refletidas em isolamento social, declínio sensorial e cognitivo (RAMOS, 2003).

A institucionalização de um idoso, constantemente faz com que ele tenha a sensação da perda de sua autonomia e torna-o dependente de terceiros ou das normas das instituições acolhedoras (ARGIMON, 2005; STEIN, 2005).

Tais características podem proporcionar aos idosos o aumento da susceptibilidade a doenças e a tristezas profundas, acarretando respostas biológicas de inúmeras origens, tais como: física, psíquica ou social. Algumas instituições quando não regidas por princípios humanitários, propiciam ao idoso a ideia de abandono, acarretando sofrimento, o que gera um turbilhão de sentimentos, como insegurança, medo, conflitos psicológicos e até mesmo a perda da vontade de viver (RICCI et al, 2014).

A interação do idoso com o animal pode ser capaz de desencadear um relacionamento livre de estresse, anulando o grau de julgamento e expectativas. Tal interação não é de sentimentos ambíguos, diferenciando-se das relações entre humanos e membros da família, que frequentemente trocam sentimentos e estados emocionais nem sempre positivos (ibid).

O animal ama incondicionalmente sem querer nada em troca, sem exceções ou considerações, sem inspecionar o estado de saúde, idade ou deficiências (FINE, 2006), oferece amor, permitindo a sensação de amizade, de laços, e permite o bem-estar diante desse contato (MARTINS, 2007).

Foi comprovada a eficácia da TAA em pessoas idosas, ao ver que pacientes acima de setenta e oito anos de idade, e com doença de Alzheimer, a princípio

socialmente isolados, interagiram de maneira positiva com um cão terapeuta. As sessões amenizaram problemas físicos, emocionais e mentais vivenciado por esses pacientes (ibid).

No asilo São Vicente, em São Paulo, destaca-se o projeto Animais Solidários, designado pelo curso de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (USP), do campus Pirassununga, onde houve a participação de trinta e quatro idosos institucionalizados, sendo dezoito do sexo feminino e dezesseis do sexo masculino, tendo a idade média de setenta e seis anos. Houve uma diversidade de co-terapeutas, como cães, gatos, hamsters, pássaros, escargot etc. Dentre as atividades, foram realizadas festas temáticas com animais caracterizados de acordo com a data comemorada. Do total de idosos institucionalizados participantes do projeto, constatou-se que vinte e oito interagiram com os animais, incluindo contato físico como receber no colo, afagar, colocar e tirar a coleira, colocar uma gravata ou um laço, dar petiscos, escovar, caminhar, colocar pássaros no ombro, pintar conchas de escargot, etc. Dentre as entrevistas feitas com esses idosos, alguns relataram que a presença dos animais os deixavam mais felizes, e muitos que não recebiam visita dos seus familiares relataram que a interação com os animais conseguia suprir parte disso, e melhoravam sua auto-estima e alegria. Observou-se que nenhum dos idosos que participou do projeto relatou a atividade como negativa, sendo que 81% considerou a terapia relaxante, tornando-se mais otimista pela presença dos animais. Entre os idosos, 54% notificaram que tiveram animais no passado, 8% choraram com saudade dos seus animais e 18% sentiram que o maior benefício dessa interação é a reciprocidade do amor (RICCI et al 2014).

Outro relato é do médico geriatra Renato Maia, diretor do Centro de Medicina do Idoso do Hospital Universitário de Brasília, onde juntamente com a Médica Veterinária Esther Odenthal, iniciou um projeto piloto que se tornou uma linha de pesquisa científica nessa mesma universidade. O projeto envolveu pacientes do Centro de Referência para portadores de Doença de Alzheimer, equipe de médicos humanos e veterinários e dois cães. Dentre inúmeras atividades, destacou-se a estimulação da memória dos pacientes ao memorizar os nomes e as cores dos animais. Concluiu-se que as sessões de TAA promoveram a melhora do humor e a recuperação de lembranças e acontecimentos recentes (CENTRO DE MEDICINA DO IDOSO DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA, 2018).

4.6. PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS E O PAPEL DO MÉDICO VETERINÁRIO

A composição da equipe para a Terapia Assistida por Animais varia de acordo com o animal empregado (PAIXÃO, 2011). Diante disso, após o treinamento necessário, podem participar os seguintes profissionais da área da saúde: médico veterinário, psicólogo, médico, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo; da área sócio-educacional: educador especial, pedagogo, educador físico, educador artístico e assistente social; da área do trato animal: zootecnista, instrutor de equitação, auxiliar guia e tratador (PLETSCH, 2010).

As áreas de atuação multidisciplinares podem ser realizadas pelos profissionais citados, assim como, por médicos nos hospitais, deixando o ambiente hospitalar menos agressivo; por psicólogos, que utilizam os animais como mediadores no processo terapêutico e de comunicação entre terapeuta e paciente; por fonoaudiólogos, com estímulos à verbalização; por fisioterapeutas, que lidam com a motivação na prática da reabilitação, estímulo cognitivo, sensorial e instrumento lúdico; pelos terapeutas ocupacionais, que motivam a independência pessoal e socialização; por pedagogos, que atuam com o objetivo de um aprendizado significativo, facilitador da leitura, e práticas educacionais; pelos médicos veterinários, que atuam na avaliação, manutenção da saúde e condução do animal e controle de zoonoses; e por fim, os adestradores, que fazem avaliação, educação, adestramento, manutenção, segurança e condução do animal (KLEIN, 2007).

O comportamento do animal é tão admirável para o público quanto para os cientistas e pesquisadores que estudam animais. No entanto, é de extrema importância que se entenda a base fisiológica do comportamento animal, sendo esse conhecimento atribuído ao Médico Veterinário (DUKES, 2006).

O papel do Médico Veterinário é imprescindível no sentido de acompanhar as manifestações comportamentais do animal, no sentido de priorizar a saúde do animal (OLIVA, 2004). O mesmo é responsável pela avaliação dos animais, sendo esse o único profissional capacitado para averiguar a saúde de um animal terapeuta ou que desempenhe qualquer outra função. Atua como orientador, informando e ensinando os cuidados básicos de saúde e higiene de cada espécie, e suas particularidades. Também deve participar do andamento do projeto, para que assim as reavaliações sejam realizadas periodicamente e o esquema de vacinação e vermifugação respeitados (FLÔRES, 2009).

É de extrema importância que os programas de TAA possuam Médicos Veterinários para cuidar da saúde dos animais terapeutas, também devido à sua proximidade com os pacientes. Pois além de evitar zoonoses, cabe a ele informar ao proprietário sobre suas responsabilidades para com o animal terapeuta, e da importância de se adotar tais cuidados (ibid).

A Organização Mundial da Saúde está ciente da importância dos animais como zooterapeutas, sendo assim, zela pela plena saúde física do animal (ANDERLINE; ANDERLINE, 2007).

Ainda existe muito preconceito da interação de animais com pessoas doentes. Por isso, é importante que o Médico Veterinário intervenha para desmistificar crenças pré-existentes (BAHR, 2001). Apesar de ainda existir algumas limitações, é visível que os benefícios que esse tratamento proporciona são muito superiores aos riscos que ele pode gerar (KLEIN, 2007).

4.7. AVANÇOS NA TERAPIA

Devido às evidências de melhoria da qualidade de vida das pessoas ao se submeterem à interação homem-animal, a comunidade científica vêm acompanhando esse desempenho (DORNELAS, 2009).

Atualmente, a terapia têm indicado efeitos fisiológicos positivos nas pessoas que interagem com os animais. O Journal of the American Association of Human-Animal Bond Veterinaries – AAHABV, em português: Jornal da Associação Americana de Veterinários de Vínculo Homem-Animal, de 2001, menciona resultados já alcançados pelas pesquisas de dois médicos da África do Sul: Dr. Johannes Odendaal e Dra. Susan Lehmann, que constataram que tanto nos humanos quanto nos cães há uma alteração benéfica que ocorre nas endorfinas beta, feniletilamina, prolactina, dopamina e ocitonina dentro de uma interação positiva de quinze minutos. A liberação desses hormônios além de dar a sensação de felicidade, diminui o hormônio do estresse, o cortisol (ODENDAAL, 1999).

No Brasil, as universidades têm aberto mais as portas para experiências que comprovem a eficácia da TAA (PORTO et al., 2007). Profissionais envolvidos na área de Medicina Veterinária da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), em Botucatu, mostram que o contato com animais melhora a frequência cardíaca dos idosos, além do estímulo emocional resultante da troca de carinhos (UYEHARA, 2004).

Este campo ainda precisa de mais aprofundamentos no Brasil, apesar de ter crescido gradativamente nos últimos anos (OLIVEIRA, 2005). Há excelentes profissionais na área da saúde que se afeiçoam pelo tema, mas não têm conhecimento sobre a interação homem-animal. Por outro lado, há profissionais de medicina veterinária que conhecem bem o animal, mas sabem pouco sobre os seres humanos. Há diversos caminhos para o avanço da terapia, precisando esses ser desbravados e aplicados (MACHADO, 2008).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do presente estudo mostrou que a Cinoterapia, Equoterapia e Delfinoterapia promovem benefícios físicos, mentais, sociais e emocionais nos pacientes, com resultados satisfatórios na recuperação dos mesmos. A TAA pode ser aplicada: (a) em contexto escolar; (b) no contexto hospitalar; e (c) com idosos. O papel do médico veterinário é imprescindível no sentido de acompanhar as manifestações comportamentais do animal, no sentido de priorizar a saúde do mesmo. O campo da TAA ainda precisa de mais aprofundamentos no Brasil, apesar de ter crescido gradativamente nos últimos anos. Há excelentes profissionais na área da saúde que se afeiçoam pelo tema, mas não têm conhecimento sobre a interação homem-animal. Por outro lado, há profissionais de medicina veterinária que conhecem bem o animal, mas sabem pouco sobre os seres humanos. Há diversos caminhos para o avanço da terapia, precisando esses ser desbravados e aplicados de maneira correta. Precisando primeiramente de uma conscientização dos profissionais envolvidos dos benefícios proporcionados pelas terapias, pra que assim a TAA avance ainda mais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, D. I. P.; CARVALHO, T. F. **Abordagem Didático-Pedagógica do Processo Ensino-Aprendizagem da Educação Física Escolar na Educação Infantil e no Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série**. In: Sílvia Lanfredi Nobre; José Milton de Lima. (Org.). Segundo Encontro do Núcleo de Ensino de Presidente Prudente. 2ªed. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2008, v. 1, p. 1-167.

ALMEIDA, M.L. et al. **Aspectos Psicológicos na interação homem-animal de estimação**. IX Encontro Interno e XIII Seminário de Iniciação Científica. PIBIC-UFU, CNPq & FAPEMIG Universidade Federal de Uberlândia. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação. 2009.

ALVES et al. **Projeto Cinoterapia**. APAE, Sabará, 2009.

ALVES, R. R. N.; ROSA, I. L. **Animals in Traditional Folk Medicine: Implications for Conservation**. Springer-Verlag. Berlin Heidelberg, 2013. (1). vol 1.

ANDE-BRASIL. Associação Nacional de Equoterapia. O que é Equoterapia. **Noticiário Tortuga**. Edição especial equídeos. Ano 53. p. 58-59, nov./dez. 2007.

ANDERLINE, G.A.O.S.; ANDERLINE G.A. Benefícios do envolvimento do animal de companhia (cão e gato) na terapia socialização e bem estar das pessoas e o papel do Médico Veterinário. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, v 61, n. 41, p. 70-75, 2007.

ARANTES, E.C. Observação de comportamento de pacientes internados em hospital psiquiátrico. **Revista Brasileira Enfermagem**. Rio de Janeiro, v. 21, n.1/3, p. 34-49, jan/jun. 1968.

ARANTES, L. G. et. al. **A participação do médico veterinário na escolha e treinamento de cavalos para a prática de equoterapia**. 2006. Online. Disponível em: <<http://revistas.bvs-vet.org.br/vetnot/article/view/11697>>. Acessado em: 01 agosto de 2018.

ARGIMON, I. L., STEN, L. M. Habilidades cognitivas em indivíduos idosos: um estudo longitudinal. Rio de Janeiro, **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 1, p. 64-72, 2005.

BAHR, S.M. Pessoas Imunocomprometidas e animais de estimação. **Revista Clínica Veterinária**. Ano VI, n. 30, p. 17-22. 2001.

BARAK, Y. et al. Animal-assisted therapy for elderly schizophrenic patients: a one-year controlled trial. **American Journal of Geriatric Psychiatry**. v. 18, p. 483-486. 2001.

BERGAMO, G. O doutor é animal. **Veja**, São Paulo, 30 nov. 2005. Saúde, p. 66 – 68.

BIRCH, S.B. **Dolphin–Human Interaction Effects**. Unpublished doctoral dissertation, Monash University, Caulfield Campus, Melbourne, Australia.1997.

BRASIL HIPISMO. **Equoterapia: conheça o cavalo ideal**. 2012. Online. Disponível em: <<http://www.brasilhipismo.com.br/noticias/o-cavalo-de-equoterapia>>. Acesso em: 10 de jun de 2018.

BRENSING, K.; LINKE, K.; DIETMAT, T. Can Dolphins Heal by Ultrasound? **Journal of Theoretical Biology**. v. 225, p. 99-105. 2003.

CAETANO, E.C.S. **As Contribuições da TAA – Terapia Assistida por Animais à Psicologia**. 2010. 69 f., Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Curso de Psicologia , Universidade dos Extremos Sul Catarinense, Criciúma, 2010.

CAMPOS, P. R. C. **O Tratamento e Ajuda Através dos Animais**. 2009. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/hospvetporto/o-tratamento-e-ajuda-atravs-dos-animais>>. Acesso em: 22 ago 2018.

CENTRO DE MEDICINA DO IDOSO DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA. Dosagem animal. [citado 15 jun 2018]. Disponível em: URL: <www.kalunga.com.br/revista/revista_maio_05.asp>. Acesso em: 22 ago 2018.

CDC. Centers for Disease Control and Prevention. **Guidelines For Environmental Infection Control in Health-Care Facilities**: Recommendations of CDC and the Healthcare Infection Control Practices Advisory Committee (HICPAC). U.S. 2003. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/infectioncontrol/pdf/guidelines/environmental-guidelines.pdf>>. Acesso em: 10 jul 2018.

CESJCD. Centro de Equoterapia Soldado Josué Cipriano Diniz. O que é Equoterapia. **Noticiário Tortuga**. Edição especial equídeos. Ano 53. p. 60, nov./dez. 2007.

CLERICE, R. **Zooterapia com Cães**. Patas Terapeutas: Um Estudo Bibliográfico, Itajaí. Santa Catarina. 2009.

COLE, D.M. **Electroencephalographic results of human-dolphin interaction: A sonophoresis model**. 1996. University of Lapland, Finland. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/314862443_DOLPHIN_ASSISTED_THERAPY_INNOVATIVE_LEARNING_FOR_CHILDREN_WITH_DISABILITIES>. Acesso em: 22 ago 2018.

COSTA, M.P; GATO, F.; RODRIGUES, M.N. **Utilização da Terapia Assistida por Animais como Ferramenta no Tratamento de Doenças em Humanos**: Revisão, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.22256/pubvet.v12n1a1.1-7>>. Acesso em: 22 ago 2018.

CORREDOR, F. P. **Delfinas, aguy diversión para los niños discapacitados**. 2007. Disponível em < <https://www.informador.mx/Tecnologia/Dan-terapias-con-delfines-a-ninos-con-discapacidad-20130924-0020.html>>. Acesso em: 22 ago 2018.

DAMACENA, E.G. **O Projeto de Extensão Bichos Terapeutas sob o Ponto de Vista dos Pais e dos Pacientes Atendidos**, 2016. Zootecnia, Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias Goiano – Campus Morrinhos – GO.

DELARISSA, F. A. **Animais de Estimação e Objetos Transicionais: Uma Aproximação Psicanalítica Sobre a Interação Criança-Animal**, 2013. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Assis – São Paulo.

DELTA SOCIETY. **Atividade e Terapia Assistida por Animais**. A/TAA 2005. Disponível em: <[DOBBS, H. **Dance to a Dolphin's Song**. London: Jonathan Cape. 1990, p. 87-88.](https://www.google.com.br/search?tbm=bks&hl=pt-BR&q=DELTA+SOCIETY.+Atividade+e+Terapia+Assistida+por+Animais.+A%2FTAA+2005.>. Acesso em: 05 ago de 2018.</p></div><div data-bbox=)

DORNELAS, K.C.; DORNELAS, O.A.A. e VIEIRA, F.T.A. Terapia Assistida por Animais (TAA) como recurso terapêutico. **Pubvet**, Londrina, V. 3, N. 31, Ed. 92, Art. 654, 2009. Disponível em: <http://www.pubvet.com.br/artigos_det.asp?artigo=531>. Acesso em: 02 ago 2018.

DOTTI, J. **Terapia & Animais**. São Paulo: Noética, 2005.

DUKES, H.H. **Fisiologia dos Animais Domésticos**, 12. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, 887 a 895 p.

FLORES, L. N. **Os benefícios da interação homem animal e o papel do médico veterinário**. Porto alegre, RS. 2009. Monografia (Especialização em clínica médica de pequenos animais) – Universidade Federal Rural do Semiárido.

FRAGOSO, M.; PEREIRA, L.; FERREIRA, M. Os Benefícios da Terapia Assistida por Animais: Uma Revisão Bibliográfica. **Revista Saúde Coletiva**. Vol. 4, N. 014, p. 62-66, 2007.

FRARE, F.F.; VOLPI, J.H. Equoterapia, corpo e emoções em movimento. In: **Encontro Paranaense, Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais**; XVI, XI, 2011. **Anais**. Curitiba; Centro Reichiano, 2011. [ISBN – 978-85-87691-21-7]. Disponível em: <<http://www.centroreichiano.com.br/artigos>>. Acesso em: 08 ago 2018.

FRIEDMANN, E. The value of pets for health and recovery in: Waltham Symposium 20, 1990, **Proceedings...** Pets, benefits and practice. 1st European Congress of the British Small Animal Veterinary Association, Cheltenham, England: BVA Publications, p.8-17.

GONÇALVES, H. J. **Seleção e cuidados com os animais terapeutas**. 2008. Disponível em: <http://www.animaisterapeutas.com.br/animais_terapeutas.htm>. Acesso em: 10 ago 2018.

IBGE. No Brasil, 44,3% dos domicílios possuem pelo menos um cachorro e 17,7% um gato. **IBGE**. 2016. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2016/07/28/interna_nacional,788614/no-brasil-44-3-dos-domicilios-possuem-pelo-menos-um-cachorro-e-17-7.shtml> Acesso em: 09 set 2018.

KLEIN, M.Z. **Possíveis benefícios da relação criança/equino na Equoterapia**. Biguaçu. 2007. Monografia (Graduação em psicologia) – Universidade do Vale do Itajaí.

KOBAYASHI, C.T. et al.,. Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em Hospital Universitário. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, jul-ago; 62(4): 632-6, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n4/24.pdf>>. Acesso em: 08 ago 2018.

LINDSAY, S.R. **Applied dog behavior and training**. v. 1, 2000.

LOBÃO, A.O. Animais de Companhia: A Origem da Domesticação. **Jornal de Piracicaba. Piracicaba** – SP. p. 16, 1992.

LOPES, E. S. F. **Delfinoterapia: Revisão de Literatura**. Porto, 2007. Monografia (Licenciatura em desporto e educação física). Faculdade de Desporto da Universidade de Desporto.

MACHADO, J.; ROCHA, J.; SANTOS, L. Terapia Assistida por Animais (TAA). **Revista científica eletrônica de Medicina Veterinária**. N. 10. ISSN: 1679 – 7353, 2008.

MAPA. **Bem-estar animal: conceitos**. 2016. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/animal/bem-estar-animais/conceitos-e-metodos>>. Acesso em 12 jul 2018.

MARTINS, M. F. et al. Avaliação macro e microscópica da cicatrização de lesões experimentalmente provocadas em pele de coelhos tratadas com secreção mucoglicoproteica do escargot *Achatina fulica*. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, v. 40, n. supl., p. 213-218, 2003.

MARTINS, M. F. et al A Zooterapia: uma possibilidade e contribuição como dispositivo terapêutico de idosos institucionalizados. *In: XXXIV CONGRESSO RASILEIRO DE MEDICINA VETERINÁRIA*, Santos, 2007. **Anais**. Santos: CONBRAVET, 2007.

METZLER, K. **Equoterapia: conheça o cavalo ideal**. 2012. Disponível em: <<http://www.brasilhipismo.com.br/noticias/o-cavalo-de-equoterapia>>. Acesso em: 03 setembro 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde Brasil 2008: 20 anos do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil**, 2008.

MOTTI, G.S. **A prática da Equoterapia como tratamento para pessoas com ansiedade**. Campo Grande, MS. 2007. Dissertação (Mestrado em psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco.

ODENDAAL, J.S.J. **A physiological basis for animal-facilitated psychotherapy**. University of Pretoria, South Africa, 1999. Doctoral Dissertation.

OLIVA, V. N. L. S. **A Terapia Assistida por Animais: o papel do Médico Veterinário**. Boletim Informativo- Nº35 - 2004 Disponível em: <<http://www.anclivepa-sp.org.br/rev35-01.htm>>. Acesso em: 08 agosto 2018.

OLIVEIRA, G. N. **O relacionamento social da criança**. 2005. Monografia (Bacharel em Psicologia) - Universidade Estácio de Sá. Disponível em: <http://www.petclube.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=197:o-relacionamento-social-da-crianca&catid=1:mundo-pet&Itemid=28>. Acesso em: 08 agosto 2018.

OLIVEIRA, G.N. **Cinoterapia: benefícios de interação entre crianças e cães**. 2007. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=524>>. Acesso em 18 novembro 2018.

PAIXÃO, R. L. Desafios na associação epidemiológica entre raça e agressividade canina. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, Vol 17, n. 52, p. 17-25. 2011.

PLETSCH, P. **Terapia com animais**, 2010. Disponível em: <<http://www.arcabrazil.org.br/animais/interacao/terapia2.htm>>. Acesso em: 08 agosto 2018.

PORTO, R.; CASSOL, S. **Zooterapia uma lição de cidadania: o cão sociabilizador e a criança vítima de violência intrafamiliar**. Universidade de Santa Cruz de Sul (UNISC), Santa Cruz de Sul – RS. Vol. 3, N. 2, p. 46-74, 2007.

PRICE, N. **Dolphins Provide Therapy In Mexico**. 1998. Disponível em: <<http://www.members.aol.com/adrcnet/marmamnews/98032701.html>>. Acesso em: 27 julho 2018.

QUEIROZ, C.O.V. Visualização da semelhança entre os movimentos tridimensionais do andar do cavalo com o andar humano. **Revista Equoterapia**. N. 13 e 14, p.2-5, junho e dezembro de 2006.

RAMOS, L. R. Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centros urbanos. Projeto Epidoso. Rio de Janeiro, **Cadernos de Saúde Pública**, 2003, v.19, n.3, p. 793-798.

RICCI, G.D. ; TORELLI, C. ; MARTINS, M.F. ; ALMEIDA, W. Animais Solidários: A zooterapia como extensão universitária para idosos institucionalizados. **Revista de Cultura e Extensão. USP**. São Paulo. N. 11, p. 113-121, 2014.

SAMFIRA, M.; PETROMAN, I. Therapeutic Value of the Human Being-Animal Relationship. **Scientific Papers Animal Science and Biotechnologies**, v. 44, n. 2, p. 512-515, 2011.

SANTOS, K. C. P.T. **Terapia Assistida por Animais: uma experiência além da ciência**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SILVA, M. R. et al. Bem-estar animal em programas de zooterapia ou terapia assistida por animais. **PUBVET**, Londrina, v. 3, n. 20, ed. 81, 2009.

SILVA, J. M. **Terapia Assistida por Animais** (Revisão de Literatura). Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Patos. São Paulo, 2011.

SILVA, D. C. G. **Terapia Assistida por Animais em Programas de Zooterapia**. Monografia. Curso de Zootecnia da Universidade Estadual de Goiás, Campus São Luís de Montes Belos. 2016.

SILVEIRA, M.M. e WIBELINGER, L.M. Reeducação da Postura com a Equoterapia. **Revista Neurociências**, 2011; *in press*. Porto Alegre-RS, Brasil.

SNA – SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA. **Criadores de cavalos podem fortalecer atividades de equoterapia no País**. 2015. Online. Disponível em: <<http://sna.agr.br/criadores-de-cavalos-podem-fortalecer-atividades-de-equoterapia-no-pais/>>. Acesso em: 19 junho 2018.

SODRÉ, L.A.D.; PLETSCHE, P. **Balço social**. 2009. Disponível em: <<http://www.equogenfidelis.org.br>>. Acesso em: 11 setembro 2018.

STEIN, L. M. Habilidades cognitivas em indivíduos idosos: um estudo longitudinal. Rio de Janeiro, **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 1, p. 64-72, 2005.

UYEHARA, A.M.G. **Benefícios da relação homem x animal**. 2004. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.net/acervo/artieop/Geral/artigo20.htm>>. Acesso em: 03 agosto 2018

VACCARI, A.M.H.; ALMEIDA, F.A. **A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas**. 2007. Disponível em: <<http://patastherapeutas.org/wp-content/uploads/2015/07/Animais-de-estimaa%CC%81%E2%88%86o-e-hospitalizaa%CC%81%E2%88%86o.pdf>>. Acesso em: 07 julho 2018.

VIEIRA, F, R. **A TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS (TAA) COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA CLÍNICA DA TERAPIA OCUPACIONAL**, 2013. Universidade de Brasília. Ceilândia. Brasília.

WICKERT, H. O cavalo como instrumento cinesioterapêutico. **Revista Equoterapia**. N. 3, p.3-7, dezembro de 1999.

WU, et al. **Reconstructing a Network of Stress-Response Regulators via Dynamic System Modeling of Gene Regulation**, 2002. Lab of Control and Systems Biology, Department of Electrical Engineering, National Tsing Hua University, Hsinchu, 300, Taiwan. 2Department of Evolution and Ecology, University of Chicago, 1101 East 57th Street, Chicago, IL, 60637, U.S.A. 3Genomics Research Center, Academia Sinica, Taipei, Taiwan.